

Racionamento é evidente, diz Landau

A probabilidade de o governo federal decretar racionamento ainda este ano é "bastante evidente". A avaliação é da consultora da Associação Brasileira das Concessionárias de energia (ABCE) e sócia do escritório de advocacia Sérgio Bermudes, Elena Landau.

A consultora foi diretora de Desestatização do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) no governo Fernando Henrique Cardoso.

"O governo já deveria estar realizando, há seis meses, uma campanha de racionalização do consumo dos recursos energéticos", afirmou a especialista, em entrevista ao AE Broadcast Ao Vivo, serviço de notícias da Agência Estado. Para agravar o quadro, a especialista ponderou que a resposta do consumidor a uma racionalização do consumo tende a ser muito menor hoje do que em 2001.

Landau disse que janeiro será fundamental para o setor elétrico brasileiro. Segundo ela, a menos que comece a chover ainda este mês, será difícil evitar a falta de energia. A depender do nível de chuvas até o fim do mês, a situação dos Reservatórios das hidrelétricas tende a se agravar, elevando a probabilidade de problemas no abastecimento. "A perspectiva de existir um problema de escassez de energia é cada vez mais evidente", disse, ressaltando que o Brasil já atravessa uma grave crise no lado da oferta de energia.

De acordo com Landau, "já está instalada no Brasil uma grave crise de oferta de energia elétrica e o governo parece que não está se dando conta disso". Segundo ela, o governo está equivocado ao tratar da questão como política. A consultora criticou o ministro interino de Minas e Energia, Nelson Hubner, que descartou novo risco de apagão até 2009, contestando o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman.

"Acho complicado quando o mágico acredita na própria mágica. O governo pode até fazer discurso de otimismo. Só não pode acreditar piamente nisso", disse a consultora.

Na opinião de Landau, o racionamento assumiu um viés político no Ministério de Minas e Energia após o Novo modelo do setor elétrico, adotado em 2004. "No novo modelo, o racionamento virou uma questão política. O governo acreditou que, com os leilões, nunca mais haveria racionamento. Mas se esqueceram que o capital privado não investiria na ampliação da oferta de energia se houvessem riscos", disse a especialista.

Segundo ela, por uma questão política, a Empresa de Pesquisa Energética (EPE) e o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) não revelam para a população a gravidade da situação. "Essas instituições apenas dizem que a situação é contornável, mas é um discurso mais político do que técnico. Não adianta negar a gravidade, porque se perde a credibilidade."

In: Racionamento é evidente, diz Landau. **Último Segundo**, Mídia Online, 11.janeiro.2008.